

## DOMINGO III DA QUARESMA

### CIC 459, 577-582: Jesus e a Lei

**459** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...] » (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (Mc 9, 7)<sup>1</sup>. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento<sup>2</sup>.

**577** Jesus fez uma solene advertência no início do sermão da montanha, ao apresentar a Lei dada por Deus no Sinai, quando da primeira Aliança, à luz da graça da Nova Aliança:

«Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição. Em verdade vos digo: Antes que passem o céu e a Terra, não passará da Lei a mais pequena letra ou o mais pequeno sinal, sem que tudo se cumpra. Portanto, se alguém transgredir um só destes mandamentos, por mais pequeno que seja, e ensinar assim aos homens, será o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os praticar e ensinar, será grande no Reino dos céus» (Mt 5, 17-19).

**578** Jesus, o Messias de Israel e, portanto, o maior no Reino dos céus, fazia questão de cumprir a Lei, executando-a integralmente até nos mais pequenos preceitos, segundo as suas próprias palavras. Foi, mesmo, o único a poder fazê-lo perfeitamente<sup>3</sup>. Os Judeus, segundo a sua própria confissão, não puderam nunca cumprir integralmente a Lei sem violação do mínimo preceito<sup>4</sup>. Por isso é que, em cada festa anual da Expição, os filhos de Israel pediam a Deus perdão pelas suas transgressões da Lei. Com efeito, a Lei constitui um todo e, como lembra São Tiago, «quem observa toda a Lei, mas falta num só mandamento, fica réu de todos os outros» (Tg 2, 10)<sup>5</sup>.

**579** Este princípio da integralidade da observância da Lei, não só na letra mas também no espírito, era caro aos fariseus. Tornando-o extensivo a Israel, conduziram muitos judeus do tempo de Jesus a um zelo religioso extremo<sup>6</sup>. E um tal zelo, se não se ficasse por uma casuística «hipócrita»<sup>7</sup>, com certeza que

<sup>1</sup> Cf. Dt 6, 4-5.

<sup>2</sup> Cf. Mc 8, 34.

<sup>3</sup> Cf. Jo 8, 46.

<sup>4</sup> Cf. Jo 7, 19; Act 13, 38-41; 15, 10.

<sup>5</sup> Cf. Gl 3, 10; 5, 3.

<sup>6</sup> Cf. Rm 10, 2.

<sup>7</sup> Cf. Mt 15, 3-7; Lc 11, 39-54.

prepararia o povo para esta inaudita intervenção de Deus, que será o cumprimento perfeito da Lei pelo único justo representante de todos os pecadores<sup>8</sup>.

- 580** O cumprimento perfeito da Lei só podia ser obra do divino Legislador, nascido sujeito à Lei na pessoa do Filho<sup>9</sup>. Em Jesus, a Lei já não aparece gravada em tábuas de pedra, mas «no íntimo do coração» (*Jr* 31, 33) do Servo, o qual, proclamando «fielmente o direito» (*Is* 42, 3), se tornou «a aliança do povo» (*Is* 42, 6). Jesus cumpriu a Lei até ao ponto de tomar sobre Si «a maldição da Lei»<sup>10</sup> em que incorrem aqueles que não «praticam todos os preceitos da Lei»<sup>11</sup>; porque «a morte de Cristo foi para remir as faltas cometidas durante a primeira Aliança» (*Heb* 9, 15).
- 581** Jesus apareceu aos olhos dos Judeus e dos seus chefes espirituais como um «rabbi»<sup>12</sup>. Muitas vezes argumentou, no quadro da interpretação rabínica da Lei<sup>13</sup>. Mas, ao mesmo tempo, Jesus tinha forçosamente de Se confrontar com os doutores da Lei porque não Se contentava com propor a sua interpretação a par das deles: «ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas» (*Mt* 7, 28-29). N'Ele, era a própria Palavra de Deus, que Se fizera ouvir no Sinai, para dar a Moisés a Lei escrita, que de novo Se fazia ouvir sobre a montanha das bem-aventuranças<sup>14</sup>. Esta Palavra de Deus não aboliu a Lei, mas cumpriu-a, ao fornecer, de modo divino, a sua interpretação última: «Ouvistes que foi dito aos antigos... Eu, porém, digo-vos» (*Mt* 5, 33-34). Com esta mesma autoridade divina, desaprova certas «tradições humanas»<sup>15</sup> dos fariseus, que «anulam a Palavra de Deus»<sup>16</sup>.
- 582** Indo mais longe, Jesus cumpriu a lei sobre a pureza dos alimentos, tão importante na vida quotidiana judaica, explicando o seu sentido «pedagógico»<sup>17</sup> por uma interpretação divina: «Não há nada fora do homem que, ao entrar nele, o possa tornar impuro [...] – e assim declarava puros todos os alimentos – [...]. O que sai do homem é que o torna impuro. Pois, do interior do coração dos homens é que saem os pensamentos perversos» (*Mc* 7, 18-21). Proporcionando, com autoridade divina, a interpretação definitiva da Lei, Jesus colocou-Se numa situação de confronto com certos doutores da Lei, que não aceitavam a sua interpretação, muito embora garantida pelos sinais divinos que a acompanhavam<sup>18</sup>. Isto vale sobretudo para a questão do sábado: Jesus lembra, e muitas vezes com argumentos rabínicos<sup>19</sup>, que o repouso sabático não é violado pelo serviço de Deus<sup>20</sup> ou do próximo<sup>21</sup>, que as suas curas realizam.

<sup>8</sup> Cf. *Is* 53, 11; *Heb* 9, 15.

<sup>9</sup> Cf. *Gl* 4, 4.

<sup>10</sup> Cf. *Gl* 3, 13.

<sup>11</sup> Cf. *Gl* 3, 10.

<sup>12</sup> Cf. *Jo* 3, 2; *Mt* 22, 23-24.34-36.

<sup>13</sup> Cf. *Mt* 9, 12; 12, 5; *Mc* 2, 23-27; *Lc* 6, 6-9; *Jo* 7, 22-23.

<sup>14</sup> Cf. *Mt* 5, 1.

<sup>15</sup> Cf. *Mc* 7, 8.

<sup>16</sup> Cf. *Mc* 7, 13.

<sup>17</sup> Cf. *Gl* 3, 24.

<sup>18</sup> Cf. *Jo* 5, 36; 10, 25.37-38; 12, 37.

<sup>19</sup> Cf. *Mc* 2, 25-27; *Jo* 7, 22-24.

<sup>20</sup> Cf. *Mt* 12, 5; *Nm* 28, 9.

<sup>21</sup> Cf. *Lc* 13, 15-16; 14, 3-4.

## CIC 583-586, 593: o Templo prefigura Cristo; Ele é o Templo

- 583** Jesus, como antes d'Ele os profetas, professou pelo templo de Jerusalém o mais profundo respeito. Ali foi apresentado por José e Maria, quarenta dias depois do seu nascimento<sup>22</sup>. Na idade de doze anos, decidiu ficar no templo para lembrar aos seus pais que tinha de Se ocupar das coisas de seu Pai<sup>23</sup>. Ao templo subiu todos os anos, ao menos pela Páscoa, durante a vida oculta<sup>24</sup>. O seu próprio ministério público foi ritmado pelas peregrinações a Jerusalém nas grandes festas judaicas<sup>25</sup>.
- 584** Jesus subiu ao templo como quem sobe ao lugar privilegiado de encontro com Deus. O templo é para Ele a casa do seu Pai, uma casa de oração, e indigna-Se com o facto de o átrio exterior se ter tornado lugar de negócio<sup>26</sup>. Se expulsa os vendilhões do templo é pelo amor zeloso a seu Pai: «Não façais da casa do meu Pai casa de comércio». «Os discípulos recordaram-se de que estava escrito: “O zelo pela tua casa devorar-me-á” (Sl 69, 10)» (Jo 2, 16-17). Depois da ressurreição, os Apóstolos guardaram para com o templo um respeito religioso<sup>27</sup>.
- 585** No entanto, nas vésperas da sua paixão, Jesus anunciou a ruína deste esplêndido edifício, do qual não ficaria pedra sobre pedra<sup>28</sup>. Há aqui o anúncio dum sinal dos últimos tempos, que vão iniciar-se com a sua própria Páscoa<sup>29</sup>. Mas esta profecia pôde ser referida de modo deturpado por falsas testemunhas, quando do interrogatório a que Jesus foi sujeito em casa do sumo-sacerdote<sup>30</sup> e ser-Lhe lançada em rosto, como injúria, quando agonizava, pregado na cruz<sup>31</sup>.
- 586** Longe de ter sido contra o templo<sup>32</sup> onde proclamou o essencial da sua doutrina<sup>33</sup>, Jesus quis pagar o imposto do templo, associando a Si Pedro<sup>34</sup>, que Ele acabara de estabelecer como pedra basilar da sua Igreja futura<sup>35</sup>. Mais ainda: identificou-Se com o templo, apresentando-Se como a morada definitiva de Deus entre os homens<sup>36</sup>. Por isso é que a sua entrega à morte corporal<sup>37</sup> prenuncia a destruição do templo, a qual vai assinalar a entrada numa nova idade da história da salvação: «Vai chegar a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai» (Jo 4, 21)<sup>38</sup>.
- 593** *Jesus venerou o templo, subindo a ele nas festas judaicas de peregrinação e amou com amor zeloso esta morada de Deus entre os homens. O templo prefigura o*

<sup>22</sup> Cf. Lc 2, 22-39.

<sup>23</sup> Cf. Lc 2, 46-49.

<sup>24</sup> Cf. Lc 2, 41.

<sup>25</sup> Cf. Jo 2, 13-14; 5, 1.14; 7, 1.10.14; 8, 2; 10, 22-23.

<sup>26</sup> Cf. Mt 21, 13.

<sup>27</sup> Cf. Act 2, 46; 3, 1; 5, 20-21; etc.

<sup>28</sup> Cf. Mt 24, 1-2.

<sup>29</sup> Cf. Mt 24, 3; Lc 13, 35.

<sup>30</sup> Cf. Mc 14, 57-58.

<sup>31</sup> Cf. Mt 27, 39-40.

<sup>32</sup> Cf. Mt 8, 4; 23, 21; Lc 17, 14; Jo 4, 22.

<sup>33</sup> Cf. Jo 18, 20.

<sup>34</sup> Cf. Mt 17, 24-27.

<sup>35</sup> Cf. Mt 16, 18.

<sup>36</sup> Cf. Jo 2, 21; Mt 12, 6.

<sup>37</sup> Cf. Jo 2, 18-22.

<sup>38</sup> Cf. Jo 4, 23-24; Mt 27, 51; Heb 9, 11; Ap 21, 22.

*seu mistério. Quando anuncia a sua destruição, fá-lo como revelação da sua própria morte e da entrada numa nova idade da história da salvação, em que o seu Corpo será o templo definitivo.*

### **CIC 1967-1968: a Nova Lei completa a Antiga**

**1967** A Lei evangélica «cumpre»<sup>39</sup>, apura, ultrapassa e leva à perfeição a Lei antiga. Nas «bem-aventuranças», ela *cumpr*e as promessas divinas, elevando-as e ordenando-as para o «Reino dos céus». Dirige-se àqueles que estão dispostos a acolher com fé esta esperança nova: os pobres, os humildes, os aflitos, os corações puros, os perseguidos por causa de Cristo, traçando assim os surpreendentes caminhos do Reino.

**1968** A Lei evangélica *dá cumprimento aos mandamentos* da Lei. O sermão do Senhor, longe de abolir ou desvalorizar as prescrições morais da Lei antiga, tira deles virtualidades ocultas, fazendo surgir novas exigências: revela toda a verdade divina e humana que elas contêm. Não acrescenta preceitos externos novos; mas chega a reformar a raiz dos actos, o coração, onde o homem escolhe entre o puro e o impuro<sup>40</sup>, onde se formam a fé, a esperança e a caridade e, com elas, as outras virtudes. Assim, o Evangelho leva a Lei à sua plenitude, pela imitação da perfeição do Pai celeste<sup>41</sup>, pelo perdão dos inimigos e pela oração pelos perseguidores, à maneira da generosidade divina<sup>42</sup>.

### **CIC 272, 550, 853: o Poder de Cristo revelado na Cruz**

**272** A fé em Deus Pai todo-poderoso pode ser posta à prova pela experiência do mal e do sofrimento. Por vezes, Deus pode parecer ausente e incapaz de impedir o mal. Ora, Deus Pai revelou a sua onipotência do modo mais *misterioso*, na humilhação voluntária e na ressurreição do seu Filho, pelas quais venceu o mal. Por isso, Cristo crucificado é «força de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens» (1 Cor 1, 24-25). Foi na ressurreição e na exaltação de Cristo que o Pai «exerceu a eficácia da [sua] poderosa força» e mostrou a «incomensurável grandeza que representa o seu poder para nós, os crentes» (Ef 1, 19-22).

**550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás<sup>43</sup>: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (Mt 12, 28). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios<sup>44</sup>. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste

<sup>39</sup> Cf. Mt 5, 17-19.

<sup>40</sup> Cf. Mt 15, 18-19.

<sup>41</sup> Cf. Mt 5, 48.

<sup>42</sup> Cf. Mt 5, 44.

<sup>43</sup> Cf. Mt 12, 26.

<sup>44</sup> Cf. Lc 8, 26-39.

mundo»<sup>45</sup>. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»<sup>46</sup>.

**853** Porém, no seu peregrinar, a Igreja também faz a experiência da «distância que separa a mensagem de que é portadora, da fraqueza humana daqueles a quem este Evangelho é confiado»<sup>47</sup>. Só avançando pelo caminho «da penitência e da renovação»<sup>48</sup> e entrando «pela porta estreita da Cruz»<sup>49</sup> é que o povo de Deus pode expandir o Reino de Cristo<sup>50</sup>. Com efeito, «assim como foi na pobreza e na perseguição que Cristo realizou a redenção, assim também a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação»<sup>51</sup>.

<sup>45</sup> Cf. *Jo* 12, 31.

<sup>46</sup> VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

<sup>47</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 43: AAS 58 (1966) 1064.

<sup>48</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12; cf. *Ibid*, 15: AAS 57 (1965) 20.

<sup>49</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 1: AAS 58 (1966) 947.

<sup>50</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 12-20: AAS 83 (1991) 260-268.

<sup>51</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.